



LivrosVivos: palavras, imagens, plantas e gentes em criação

Alik Wunder[1]

Lilly Baniwa[2]

Vera Moura Tukano[3]

Janilton Pinheiro Tukano[4]

Mawanaia Waurá[5]

Leandro Silveira Guarani[6]

Naldo Yupurí Tukano[7]

RESUMO: O artigo, escrito a muitas mãos, apresenta resultados do projeto de pesquisa e extensão “*LivrosVivos: saberes indígenas, saberes vegetais*” que se configura como um espaço-tempo de encontro e criação coletiva sobre as relações de diferentes povos indígenas com o mundo vegetal. Desde 2019 realizamos encontros entre estudantes indígenas, pertencentes a diferentes povos, com participação de estudantes não indígenas de graduação, pós-graduação, pesquisadores.as e artistas convidados.as na Faculdade de Educação da Unicamp. Com o Vestibular Indígena, uma comunidade multiétnica se formou em nossa universidade. Além da inclusão acadêmica de jovens pertencentes a povos, que secularmente estiveram à margem do acesso à educação superior pública, há nessa política um convite às diferentes áreas a se aproximarem e estabelecerem diálogos horizontais e alianças com seus conhecimentos, suas artes, modos de ser e perceber e suas lutas por direitos. O projeto vem no sentido de fazer circular outras lógicas de relação com o mundo, permeadas por cosmovisões, experiências de vida e conhecimentos ancestrais.

PALAVRAS-CHAVE: Povos indígenas. Vegetais. Criações.

LibrosVivos: palabras, imágenes, plantas y personas en la creación



RESUMEN: El artículo, escrito por muchas manos, presenta los resultados del proyecto de investigación y extensión “*LivrosVivos: saberes indígenas, saberes vegetales*” que se configura como un espacio-tiempo de encuentro y creación colectiva sobre las relaciones de los diferentes pueblos indígenas con el mundo vegetal. Desde 2019, realizamos encuentros entre estudiantes indígenas, pertenecientes a diferentes pueblos, con la participación de estudiantes indígenas de pregrado y posgrado, investigadores y artistas invitados en la Facultad de Educación de la Unicamp. Con Vestibular Indígena se formó una comunidad multiétnica en nuestra universidad. Además de la inclusión académica de jóvenes pertenecientes a pueblos que por siglos han estado al margen del acceso a la educación superior pública, esta política invita a diferentes ámbitos a acercarse y establecer diálogos y alianzas horizontales con sus saberes, sus artes, formas de ser. y perciben y sus luchas por los derechos. El proyecto surge en el sentido de hacer circular otras lógicas de relación con el mundo, permeadas por cosmovisiones, experiencias de vida y saberes ancestrales.

PALABRAS CLAVE: Pueblos indígenas. Vegetales. Creaciones.

Um livro como uma linha de vida que continua

“*LivrosVivos: saberes indígenas, saberes vegetais*” é um espaço-tempo de encontro e criação coletiva, em que cada uma.um conta, escreve, desenha, fotografa narrativas sobre as suas relações - de seus povos e famílias - com o mundo vegetal. Embaixo de árvores, nos jardins da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, desde 2019, realizamos encontros entre estudantes indígenas, pertencentes a diferentes povos, com participação de estudantes não indígenas de graduação, pós-graduação, pesquisadores.as e artistas convidados.as. Com o Vestibular Indígena, uma comunidade multiétnica se formou em nossa universidade. Neste ano de 2022, estudam por volta de 300 indígenas, pertencentes a mais de 45 diferentes povos, nos diversos



]cursos da universidade. São inúmeros os desafios e as potencialidades dessa política afirmativa recente. Além da inclusão acadêmica de jovens pertencentes a povos, que secularmente estiveram à margem do acesso à educação superior pública, há nessa política um convite às diferentes áreas a se aproximarem e estabelecerem diálogos horizontais e alianças com seus conhecimentos, suas artes, modos de ser e perceber e suas lutas por direitos. Um momento desafiante e muito potente em que a universidade - majoritariamente “branca” e eurocêntrica - olha para dentro, olha para fora, e vê o abismo construído entre as diversas áreas de conhecimento e os modos de ver e habitar o mundo dos povos originários. O projeto *LivrosVivos* busca criar, desde essa experiência universitária, uma possibilidade de encontro de saberes, de experiências de vida, de potências criativas alimentadas pelas poéticas ancestrais, experimentações teóricas e artísticas. É também um espaço-tempo de apoio mútuo em meio à saudade, a distância do rio, da família, da mata, da roça, da língua.

Temos nos enveredado pela ideia de uma educação a partir dos diálogos criativos com as plantas (TAKUÁ, 2019), modos de educar que perpassa as relações de diversos povos com as florestas e roças. Seguimos partilhando narrativas que dão a ver relações que criam mundos outros: florestas outras, roças outras. Por elas seguimos, nos conhecendo, encontrando semelhanças e diferenças e buscando tecer relações entre diversos modos de ver, conhecer e educar. Ailton Krenak, filósofo e pensador indígena, em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo” (2018), convida-nos a partilhar nossas diversas formas de circulação no mundo, atraindo uns aos outros por nossas diferenças, contando histórias e ampliando nossos horizontes existenciais (Krenak, 2018, p.33). Ouvimos as histórias uns dos.das outros.as, por vezes nos aventuramos a ouvir em diferentes línguas, das histórias se desdobram desenhos, dos desenhos outras histórias, por vezes fotografias e outras escritas e vídeos e... Também nos debruçamos sobre obras artísticas, livros, vídeos e exposições em um exercício de conversação aberto, afetivo e criativo entre saberes indígenas, saberes acadêmicos, as plantas e as artes. Realizamos exercícios de escritas, que são lidas, ouvidas, experimentadas de forma coletiva, são revitalizadas e dão continuidade para novas escritas. Tecemos nessas rodas fios de relações entre diferentes experiências de vida com a intenção de proliferar criações imagéticas e escritas sobre as relações entre os diferentes povos indígenas com os mundos vegetais.



Revista ClimaCom, Políticas vegetais | pesquisa – ensaios | ano 9, no. 22, 2022

O livro “*Una Isi Kayawa: livro da cura do povo Huni Kuin do rio Jordão*” (Ika Muru & Quinet, 2014) foi uma das principais inspirações do projeto. Esta obra foi idealizada e organizada por Agostinho Ika Muru, pajé do povo Huni Kuin, juntamente com Alexandre Quinet, botânico e pesquisador do Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro e teve o projeto gráfico realizado pela editora e curadora Anna Dantes. O livro, sonhado por décadas pelo pajé, conta a história do “Centro de Informação dos Povos Huni Kuin”, localizado na aldeia Fundo do Segredo, nas margens do Rio Jordão no Acre. Um lugar, em meio a floresta, onde se realizam plantios de árvores e ervas da medicina Huni Kuin e encontros de trocas entre pajés e aprendizes há mais de vinte anos.

“O meu sonho, o que eu desejo, o que eu vejo, o que eu sinto, o que eu quero fazer, é continuar a organizar, fazer um grande parque, porque já tem o terreno, já tem o início plantado, já tem os nativos” (Ika Muru & Quinet, p.7, 2017). A obra é bilíngue e partilha conhecimentos sobre a floresta e as práticas de cura com as plantas do povo Huni Kuin. As fotografias, os desenhos, os grafismos, os cantos e as narrativas entrelaçam-se às malhas de suas cosmovisões. Nas criações imagéticas de Anna Dantes, da fotógrafa Camilla Coutinho Silva e dos artistas Huni Kuin há uma inspiradora força de mistura.

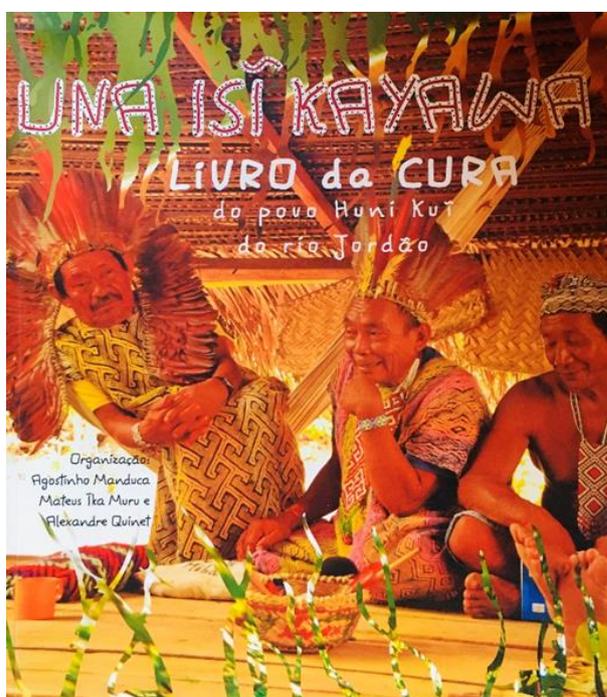


Imagem1: capa do livro “*Una Isi Kayawa: livro da cura do povo Huni Kuin do rio Jordão*” (2014)



O livro é uma criação impregnada da “realidade da mistura” (Coccia, 2018) do mundo vegetal: dobras, reentrâncias, linhas curvas, enraizamentos e emaranhados entre desenhos, fotografias, grafismos e palavras, a cada página de uma forma diferente. As composições se entrelaçam, criam diversos planos e linhas, como um convite a entrar numa floresta repleta de cores, formas e curvas. A arte gráfica é impregnada de floresta e de arte Huni Kuin. No livro, as formas de conhecer a floresta deste povo se entrelaçam às ciências: a botânica dá apoio à organização e nomeação das plantas medicinais e se deixa impregnar por suas nomeações e ordenações Huni Kuin.

“Este é um livro vivo.” Ao final da obra, esta frase soa como um desejo de que a criação não pare. Recebemos esta última página como um convite, como uma linha de vida que deseja continuidades ao seu redor (Ingold, 2017). Por este motivo convocamos a esta palavra composta *LivrosVivos* desde a qual podem proliferar sentidos sempre em aberto. A escrita deste texto se faz entre as diferentes pessoas que desenvolvem o projeto, lançamo-nos a pensar nos sentidos de livros vivos para cada um. Uma de nós, contamos algumas das histórias do projeto nesses três anos, exercitando uma escrita a muitas mãos. Os conhecimentos de jovens dos povos que vivem na Mata Atlântica da região sudeste, os Guarani e os Tupi-Guarani, dos povos da Amazônia, povos Baniwa e Tukano e de um povo que vive no cerrado, os Waurá, se entrelaçam às artes e escritas de outros povos, bem como escritores, artistas nessas experiências de encontro.

Entre os diferentes povos indígenas o ensinamento vem da oralidade, uma forma específica de ensinar. São ensinamentos que se fazem a partir das suas existências e experiências com o mundo. O conhecimento ancestral faz parte de nós, não está escrito apenas na folha de papel. É um conhecimento que está vivo no nosso corpo, nas pedras, nos rios, igarapés, no verão ou no inverno; é o movimento da linguagem do mundo. Um saber que é plantando de várias formas, em vários lugares, não necessariamente em uma sala de aula fechada entre pessoas.

Os conhecimentos ancestrais nos ensinam a nos relacionar com tudo ao nosso redor, com outros seres e outros mundos. Relações que os livros escritos não conseguem expressar. Os modos de ensinar dos indígenas, diferente das escolas da cultura eurocêntrica, não nos colocam num lugar limitado e num presente distante, nos colocam no presente vivo daquilo que estamos aprendendo. É diferente ouvir da boca dos nossos avós ou pais, que o nosso ancestral *Kaali* disse que a mandioca



é um alimento vivo, que é um corpo ancestral. Não é como ler em livros, nós lemos o mundo de outro jeito. O povo Baniwa se comunica com os ancestrais pelas escritas que deixaram nas pedras do Rio Içana (Alto Rio Negro). São petróglifos, escritas em pedra, como fotografias daqueles tempos deixadas para nós, eles estão nos contando histórias. Essas são nossas escritas. São escritas das pedras que são lidas e continuadas em cestarias e pinturas, e assim vamos renovando essas histórias. Isso pode ser pensado como um livro vivo. Quando a gente viaja no Rio Içana, os mais velhos vão nos contando as histórias a cada imagem que aparece nas pedras, a cada animal ou árvore que aparece, são os modos de nos ensinarem sobre os tempos e os lugares. Um passeio de canoa é uma escola, um ensinamento sobre as pedras, o lugar, as árvores, as formigas, os antigos...

O conhecimento milenar tem sido ensinado pelos antepassados para seus filhos e netos como uma forma de compartilhar aquilo que foi vivido por uma família, assim que inicia um livro vivo que nunca se acaba. Com o tempo foi mudando, filhos começam a estudar e escrever aquilo que é contado pelos seus pais, vão se aperfeiçoando na escrita, revitalizando as histórias para que outras pessoas, de outros lugares, também conheçam. A leitura nos faz mergulhar nessas histórias que se tornam vivas de novo. Livros vivos somos nós também, somos sempre criadores de outros livros para que as histórias estejam vivas no tempo.

Nossos movimentos

O primeiro movimento que realizamos foram desenhos e minicontos a partir da relação de cada um.uma com uma planta. A página branca, aguardando o texto, amedronta como expressão da violência, também “branca”, que nega a oralidade e a força expressiva e espontaneidade da língua portuguesa e outras das línguas de povos tradicionais: quilombolas, caipiras, caiçaras, ribeirinhos, indígenas... Boa parte dos.das estudantes indígenas da Unicamp tem o português como segunda língua e vem de lugares em que, até poucos anos atrás, falar sua própria língua era motivo de vergonha e de castigos em colégios internos em suas aldeias, muitas delas evangelizadas. Em cada história, muitas feridas abertas a serem curadas e a relação com a escrita em língua portuguesa traz a superfície muitas dessas dores e medos. Diante do medo da escrita, os desenhos chegaram



primeiro. Enquanto desenhávamos, as histórias eram contadas. Apareceram primeiramente as histórias de “plantas amigas”, bonita expressão indígena para suas relações afetivas com as plantas. E chegaram as amizades: o cajueiro, a palmeira, a sete capota, o crajerú, o melão de são caetano, a mandioca... Cada história enreda experiências pessoais, familiares e de cada povo com a planta. Entre imagens e “contações”, a escrita foi se desenhando em fragmentos, para alguns. Algumas primeiramente em língua materna, traduzida depois para o português. Exercícios vários - leitura em voz alta, de escuta de línguas outras, de reescrita a partir da escuta do texto - foram enredando oralidade e escrita, trazendo as vozes e as línguas muitas ao texto:

“Pindo mã opamba’erã jaiporu nhande mbya. Palmeira e muito importante para nós Guarani Mbya”. Leandro Silveira Guarani Mbya

“Na língua Baniwa, crajerú é keraawidzo, usado nas pinturas para proteção do corpo durante os rituais, também é usando como cicatrizante pós-parto para recuperação rápida da mulher como chá. É uma planta muito valiosa para as mulheres da minha família também para nossas artes, tingimos nossas fibras para trançados com ela” Lilly Baniwa

*“Nosso povo tem um constante diálogo com a floresta, são vários momentos de conversa e acontecem em especial quando os mais velhos vão à mata para buscar a cura. Há expressões próprias para pedir licença e conselhos, nessa conversa com as plantas, verbos antigos e raros usados apenas nestes momentos. Agora meu povo está buscando lembrar esses verbos e expressões em uma escuta atenta aos *nhanderus* e *nhandecys*, nossos pajés”*. Luã Apyká Tupi-Guarani

Falas e escritas que dizem de uma amizade ancestral, vão além dos usos medicinais ou ritualístico de certas plantas, expressam e criam íntimas relações com os vegetais. Saberes que envolvem comunicações e criações com as plantas: palavras, artes materiais, narrativas, cantos, rituais... As trocas entre escritas e desenhos aconteciam algumas vezes com convidados.as que também traziam suas histórias, relações, amizades vegetais. Uma história enredando a outras... E os desenhos chamaram as escritas, que chamaram outras histórias, que chamaram a fotografias...



Realizamos algumas experimentações fotográficas com o mundo vegetal que nos circulava nos jardins, numa observação atenta às formas, texturas, linhas, luzes e sombras.

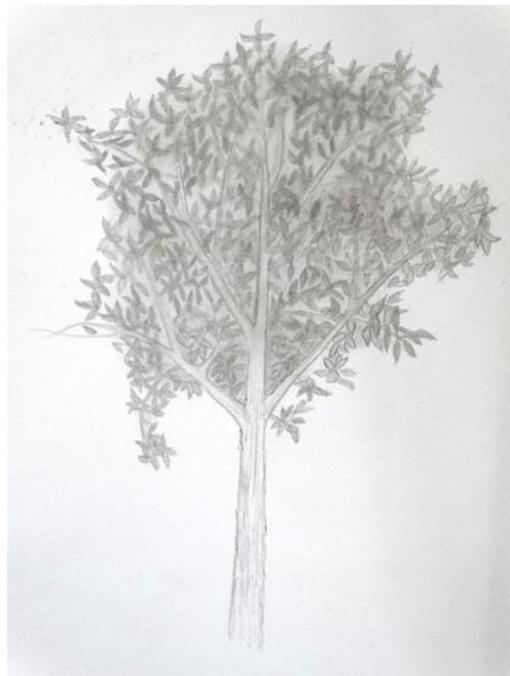


Imagem 6 e 7: desenho de Helthon Rodrigues Baré - Chicória e de Lilly Baniwa – Genipapo

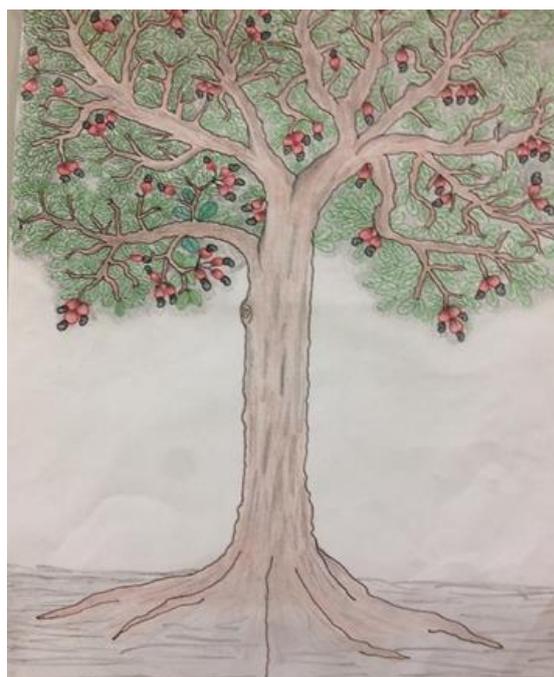
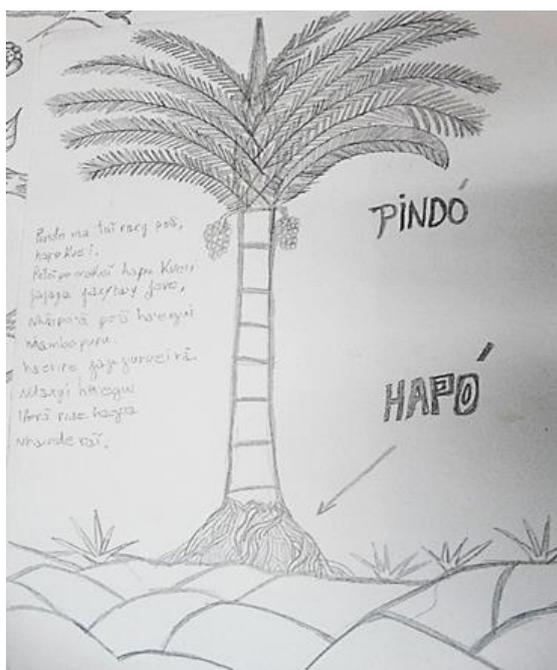


Imagem 8 e 9: desenho de Leandro Silveira Guarani – Pindó e de Salomão Baré – Cajueiro



Imagem 10 e 11: exercícios fotográficos coletivos no projeto *Livrosvivos*



Com a pandemia fomos chamados e chamadas a nos *aplantar* em nossas casas, aldeias, cidades... Durante o período da suspensão das atividades presenciais na universidade foi preciso criar outras formas de encontrar. Em meio às incertezas e cuidados com a saúde, o tema da cura por meio das plantas nos mobilizou. Iniciamos virtualmente os ciclos de encontros “Saberes ancestrais e as curas da floresta”, nos quais alguns algumas de nós convidamos referências das aldeias – mestres, mestras, pajés, kumus, rezadores e rezadoras – para conversas sobre diferentes formas de entender e cuidar da saúde. O projeto foi apoiado pelo Edital DCult (PREAC, 2019) e realizou encontros virtuais abertos à comunidade interna e externa da Unicamp como atividade de extensão.



Imagem 12, 13 e 14: cartazes de divulgação do ciclo “Saberes ancestrais e as curas da floresta”

O primeiro convidado, referência para Naldo Yupurí Tukano, foi Kumu Kisibi, benzedor do povo Dessana, do Alto Rio Negro (AM), que atua no Centro de Medicina Indígena de Manaus. Com seu modo alegre, nos contou sobre os diferentes conceitos de corpo para o povo Dessana, sobre os benzimentos e sobre as perseguições que os kumu dessana viveram por parte da Igreja Católica, que demonizou suas práticas. Ao final, apresentou seus objetos de cura e tocou o cariço, uma flauta tradicional de bambu, parte das cosmologias e dos rituais de vários povos do Alto Rio Negro. O som ritmado da flauta ressoou em nossas casas como um benzimento sonoro em meio a



insegurança e tristeza diante do crescente número de mortes no primeiro ano da pandemia no ano de 2020. Convidamos na sequência o pajé Auá Djú Pitotó, as rezadoras Kunhã Djú e Itamirim do povo Tupi-Guarani, a rezadora Simone Takuá do povo Guarani, a professora e rezadora Cristine Takuá do povo Maxacali, todas referências de Luã Apyká Tupi-Guarani, bolsistas do projeto na época. As rodas de conversa que abriram fogueiras virtuais por onde circularam muitos conhecimentos e sabedorias para fortalecimentos coletivos em meio a pandemia.

Livros vivos são todos esses conhecimentos dialogados e vivenciados, são experiências de sábios e sábias que compartilhadas abrem nossos caminhos e proporcionam novo olhar, sentir e pensar. Estes mestres e mestras, pajés, kumus, nossas avós, nossas avós e avôs, nossos anciãos e anciãs são os nossos livros vivos, que nos ensinam tudo que precisamos. Na aldeia do povo Waurá, Itsanakuwalu é uma anciã que todas as pessoas respeitam, acreditamos em suas histórias, porque ela traz o conhecimento antigo do povo Waurá. Atanaku, também ancião, é um dos historiadores do povo Waurá. Ele é o narrador que passa seu conhecimento de forma tradicional: suas histórias são contadas no centro da aldeia para todos ouvirem e depois passarem esses conhecimentos para suas famílias. Os livros vivos são os nossos guias. E os livros vivos também podem ser as pedras, as florestas, as páginas de papel...



Imagem 15: fotografia de Alik Wunder



A alegria do reencontro em 2022, com o retorno dos nossos encontros presenciais nos mobilizou a outros movimentos. Começamos a nos encontrar nas áreas externas para diminuir chances de contágio da Covid-19. Alguns.algumas de nós, no isolamento social, viu-se imerso.a em roças de plantios com suas famílias. Em nossas trocas sobre essas experiências reconhecemos que a mandioca é uma amizade que perpassa muitos povos e muitas memórias de infância: momentos de brincadeira enquanto íamos ao trabalho da terra com nossas mães, pais, avós... Realizamos, nos últimos tempos, encontros e pesquisas sobre nossas relações - de nossos povos e famílias - com a mandioca e criamos uma escrita conjunta, composta por diversos fragmentos narrativos, em uma formato que se aproxima a uma conversa enredada em nossas falas, escritas, escutas, trocas, silêncios e sorrisos e... A escrita sobre a mandioca deu visibilidade da esta existência que é o nosso principal alimento nas aldeias e comunidades. Alguns povos se relacionam com a mandioca como um corpo vivo que educa, que sente, que conversa, que alimenta de muitas maneiras. *Ulei, kaini, mandi'ó, ki'i*, mandioca: memórias, sabores e saberes de uma raiz-corpo, chamou nosso texto, e nele estão muitas vozes: falam nossas mães, pais, tias, avós, irmãos, *Kaali, Mandi, mandioca, ulei, ki'i*... A escrita nos convidou a um ensaio fotográfico com artes de nossos povos, folhas e farinha de mandioca... e as ideias ainda continuam ganhando outras formas. Cada história, cada imagem cresce feito raiz na terra, cria ramos para diferentes lados: presente, passado, futuro, ao mesmo tempo.



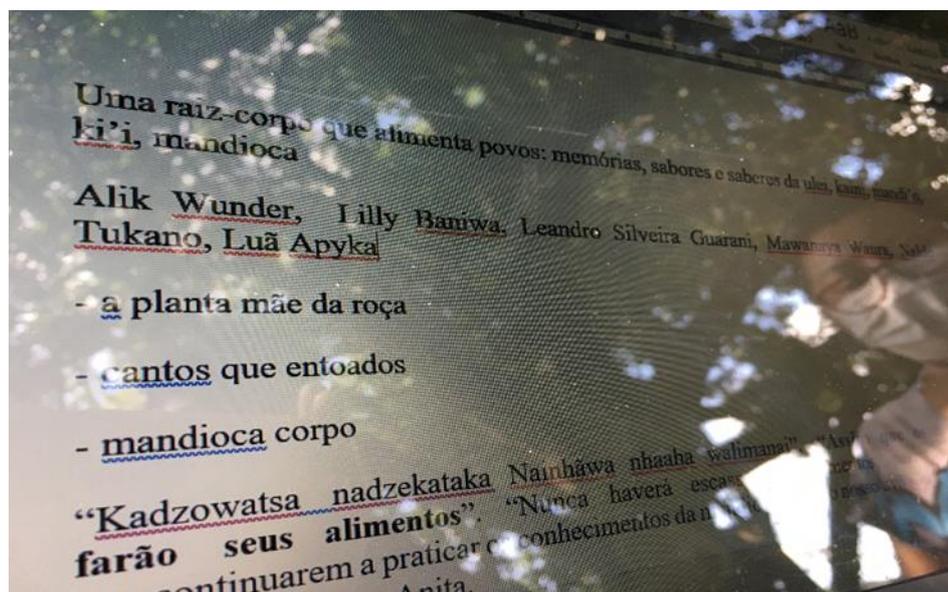


Imagem 16 e 17: fotografia de Alik Wunder de criação coletiva do projeto



Imagem 18: colar feito de ramos e folha de mandioca por Leandro Silveira Guarani. Foto de Mawanaya Waurá



E seguimos escrevendo, fotografando, contando histórias, desenhando nos jardins e salas da universidade. O traço chamando o texto, o texto chamando o canto, o desenho chamando as plantas, as plantas convidando a escutas... Ouvindo, falando, escrevendo, traçando linhas de vida (Ingold, 2017), seguimos com os *LivrosVivos* que, a cada momento, se desdobram em inusitadas continuidades. Seguimos nos encontrando para ampliar e diversificar nossos sonhos... Amizades, risos, sabores, carinhos. *LivrosVivos*, um projeto, seria? O tempo passa com o vento e no piscar dos olhos chegamos aqui. Viajamos para lugares inimagináveis, cantamos, rimamos, desenhamos, fotografamos, conversamos, escrevemos e voamos... Quem dirá onde vamos chegar? Não vamos parar, os ancestrais nos esperam de braços abertos para conhecermos outros lugares. Quem são vocês? Onde moram? Que amizades tem com as plantas? Que relações criam com o mundo vegetal?

Bibliografia

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2017.

IKA MURU, A. M.e QUINET, Alexandre. **Una Isi Kayawa: livro da cura do povo Huni-Kuin**. Rio de Janeiro:Dantes, 2014.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TAKUÀ, Cristine. Seres criativos da floresta. **Cadernos Selvagem**. Rio de Janeiro: Dantes, 2019. Disponível: http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2020/11/CADERNO_4_TAKUA.pdf

Recebido em: 01/09/2022

Aceito em: 01/10/2022



[1] Professora e pesquisadora da Faculdade de Educação. awunder@unicamp.br

[2] Estudante de Artes Cênicas da Unicamp, pertencente ao povo Baniwa (Alto Rio Negro, AM). 260867@dac.unicamp.br

[3] Estudante de História da Unicamp, pertencente ao povo Tukano (Alto Rio Negro, AM). v243816@dac.unicamp.br

[4] Estudante de Licenciatura Física e Química, pertencente ao povo Tukano (Alto Rio Negro, AM). j260915@dac.unicamp.br

[5] Estudante de Geografia, pertencente ao povo Waurá (Xingu, MT). m260913@dac.unicamp.br

[6] Estudante de Pedagogia, pertencente ao povo Guarani Mbya (Vale do Ribeira, SP). l260738@dac.unicamp.br

[7] Estudante de Linguística, pertencente ao povo Tukano (Alto Rio Negro, AM). m260728@dac.unicamp.br